



Rousseau e as imagens do Romantismo Alemão

Suzane da Silva Araújoⁱ (UFPA)

Resumo:

Nós nos acostumamos com a imagem dos românticos como pensadores fragmentários e sem rigor, como é, aliás, a imagem tradicionalmente aceita de Rousseau. Além disso, os românticos parecem, com sua atitude negativa em relação aos grandes sistemas, atualizar a mesma atitude intelectual do filósofo genebrino: assistemático antes que os românticos teorizassem sobre isso, Rousseau é a primeira expressão de uma crítica intuitiva do cientificismo que os mais rigorosos pensadores e poetas só fariam confirmar. Tendo isso em mente, gostaríamos de fazer um paralelo entre a formação da imagem dos primeiros românticos (Schlegel e Novalis, principalmente), e o modo como foi se consolidando a imagem histórica de Rousseau.

Palavras-chave: sistemático, assistemático, romantismo, ciência, fragmento.

Abstract:

We get used to the image of romantic thinkers as fragmentary and loosely, as it is, indeed, the traditionally accepted image of Rousseau. In addition, the romantic look, with its negative attitude to large systems, update the same intellectual attitude of Rousseau. Unsystematic before the romantic theorize about it, Rousseau is the first expression of an intuitive critique of scientism that the most rigorous thinkers and poets would only confirm. With this in mind, we would like to make a parallel between the image formation of the early romantics (Schlegel and Novalis, especially), and the way it was consolidating the historical image of Rousseau.

Keywords: systematic, unsystematic, romanticism, science, fragment.

“Quem tem um sistema, está espiritualmente tão perdido quanto quem não tem nenhum”. (Schlegel)

No Romantismo Alemão podemos perceber como nos é possível extrair, mesmo em obras de caráter literário, matrizes do pensamento filosófico, ou melhor, como é possível encontrar um viés filosófico, mesmo em obras marcadamente literárias. Segundo Benedito Nunes, Rousseau é considerado um filósofo “romântico” porque focaliza a questão filosófica relativa à verdade não mais como fruto da objetividade e do conhecimento científico, mas como uma expressão da subjetividade, em que o homem é capaz de obter a verdade, mesmo que esta esteja longe de basear-se em conceitos. Tal concepção rompe com a abordagem aceita pela tradição, uma vez que os românticos, em quem essa mudança de viés é intensificada, tratam a verdade como algo que é anterior, e independente, ao emprego do conceito, afinal eles passam a tratar esta noção como fruto do próprio sentimento.

Mas por que obliterar a verdade conceitual? A resposta é que todo conceito só é capaz de nos dar a unidade abstrata e parcial das coisas. Por isso, ele não está apto a fornecer, de fato, a “verdade” delas, pois a única forma de neutralizar essa parcialidade do conceito e participar da verdade seria pôr a sua base, imediatamente, em nossos sentimentos e não em conceitos arbitrariamente concebidos. Em suas *Cartas escritas da montanha*, Rousseau pergunta

quando uma viva persuasão nos anima, o melhor meio é empregar uma linguagem fria? Quando Arquimedes, completamente entusiasmado, corria nu pelas ruas de Siracusa, via menos a verdade por estar apaixonado por ela? Muito pelo contrário: quem a sente não pode se abster de adorá-la, quem permanece frio diante dela, não a viu (ROUSSEAU, 2006, 140-141).

Determinar o que seja o Romantismo em função dessa convivência entre sentimento ou paixão e a linguagem fria da explicação, de que nos fala Rousseau, é sem dúvida um dos maiores problemas a serem abordados dentro do tema que ora nos propomos abordar. É que as interpretações acerca do Romantismo geralmente o enquadram dentro de uma tendência meramente literária, ignorando peculiaridades

essenciais na formação desse movimento. De acordo com Gerd Bornheim, o Romantismo “alemão” é o único, entre os “romantismos” difundidos pela Europa, que pode ser considerado, estruturalmente, como um movimento, como uma corrente de pensamento, já que este assume uma posição filosófica definida. Sobretudo na Alemanha é que a filosofia vai ter um papel de destaque singular, se considerarmos o “panorama geral do romantismo”. Isto porque dentre as mais variadas interpretações acerca deste movimento, a interpretação artístico-literária é a que prevalece em prol da questão da subjetividade. Tais interpretações, ou categorias românticas, como as define Benedito Nunes, hão de contribuir para uma problemática difundida por conta da forma de produção romântica: a sistematicidade ou a assintematicidade do mesmo. Muitos estudiosos desse período divergem quanto à presença ou ausência de um “sistema” filosófico romântico, o que faz com que se abra um leque de interpretações em torno do romantismo que ora negam, ora admitem a presença de um “estilo” sistemático. Essas leituras oscilaram tanto que levaram a que se admitisse o romantismo alemão, por vezes, como um movimento reflexivo de primeira grandeza – independente de constituir-se como um movimento que adota uma postura de produção de textos ditos “fragmentários” –, e, por outras, também se falasse dele como um movimento meramente histórico entre outros, que apenas “inova” por seu estilo literário.

Em *A gênese do fragmento*, Márcio Suzuki trata da polêmica que há na obra de Friedrich Schlegel, filósofo e poeta que faz parte da chamada *primeira fase do romantismo*. Polêmica esta que repercute em torno da negação da capacidade de especulação e sistematização na obra deste filósofo. Isto porque a obra de Schlegel se firma como um “caos de fragmentos”, num momento em que todos estão voltados para o sistema crítico kantiano. Em um sentido muito parecido com o de Schlegel, Rousseau, ainda no século XVIII, foi considerado um filósofo fragmentário e até mesmo assistemático, pois suas obras, à primeira vista, não demonstram nenhuma preocupação com a formação de uma ordem estritamente lógica de pensamentos. Nele, o interesse parece ser muito mais passional, podendo-se falar apenas em uma espécie de coerência “solta” de suas ideias.

Suzuki chama atenção para o fato de todo e qualquer pensamento filosófico ser enquadrado dentro de uma “forma geral” que lhe é própria. E faz parte dessa

“forma geral” que a filosofia se constitui num saber muito bem ordenado, circunscrevendo, naturalmente, uma totalidade orientada de pensamentos que tem um modo de expressão considerado singular e inconfundível. E como situar o estilo romântico diante disso? Podemos dizer que a “forma fragmentária”, adotada como um modo peculiar de expressão entre os românticos, pode ser considerada como uma singularidade que não deixou de obedecer a esta “proto-forma”(Urform) filosófica que dita, *a priori*, a maneira peculiar de se compor a reflexão filosófica?

Saber algo sobre isso depende da resposta ao que esperar de um sistema filosófico? Quais as características que podemos apontar como pertencentes a um sistema em filosofia? Aqui, nos deteremos em mostrar que há vantagens e desvantagens no caráter sistemático das obras filosóficas. É bem possível mostrar que a “assistematicidade” na mera exposição de um pensamento não é capaz de tornar irrelevante ou diminuir sua envergadura. As grandes obras que fazem parte do movimento romântico, até porque seus autores não estavam preocupados e até criticavam o rigor do padrão rígido do método filosófico, não exibem, em momento algum, nenhum desejo de fazer com que suas obras tivessem a forma de um tratado científico. Como escreve Schlegel na revista *Athenaeum*: “Muitas obras dos antigos se tornaram fragmentos. Muitas obras dos modernos o são logo em seu surgimento”¹.

Os românticos, de fato, ganharam a imagem de pensadores fragmentários “e sem rigor”, imagem com a qual Rousseau também foi impregnado na visão de seus contemporâneos, devido a sua obstinada desconfiança frente à tentativa de associar a verdade propagada pela filosofia e pela ciência à forma lógica com que ambas se apresentavam e expunham suas ideias. É contra essa suposta garantia formal que Rousseau se rebela e o que explica uma atitude que, entre os românticos, apenas se torna mais “reflexiva”, consciente. Rousseau em *A nova Heloísa* faz a seguinte afirmação:

Abandonemos todas essas vãs disputas dos filósofos sobre a felicidade e sobre a virtude, empreguemos, para nos tornarmos bons e felizes, o tempo que eles perdem em procurar como se deve sê-lo e proponhamo-nos antes grandes exemplos a serem imitados do que vãos sistemas a seguir (ROUSSEAU, 2006, p.67).

¹ Apud TORRES FILHO, R. R. “Novalis: o romantismo estudioso”, in NOVALIS. *Pólen*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

Apesar de passagens como esta, está sempre em aberto a questão da possibilidade de uma sistematicidade na obra de Rousseau. A controvérsia é reforçada pelo fato de o filósofo não assumir uma posição fixa a respeito. Pelo contrário, no que se refere a tal questão o filósofo genebrino oscila bastante tanto no que ele mesmo afirma diretamente, quanto no que deixa subentendido em suas obras. Muitos estudiosos afirmam, por exemplo, que *O contrato social*, pode ser considerado como a obra mais “sistemática” de Rousseau, se não a única, caso realmente seja. Entre os partidários do reconhecimento de um esforço constante em Rousseau pela manutenção da coerência e justeza no modo de pensar está Ronald Grimsley que escreve o seguinte

Rousseau revisou o conjunto de sua obra, insistiu em sua unidade essencial: pretendia ter elaborado ‘um sistema interconectado’ que ‘podia não ser certo’, que inclusive podia ser ‘falso’, porém ‘não era de modo algum contraditório’ (GRIMSLEY, 1977, p.14)

Ernst Cassirer, considerado um dos mais conhecidos comentadores das obras de Rousseau, também afirma a existência de sistematicidade no pensamento do genebrino, porém a vê como parte de uma gradação cujo “ápice” seria alcançado com a obra de Immanuel Kant, ou seja, em outro filósofo. Talvez isso torne a compreensão de Cassirer, aos olhos de Peter Gay, discutível. Este último, comentando esta interpretação, faz a seguinte advertência:

Com efeito, é possível afirmar-se que Cassirer incute mais sistematicidade em Rousseau do que realmente existe, e que, em sua ênfase na “liberdade”, torna Rousseau mais kantiano do que os fatos lhe permitiriam afirmar (GAY, 1999, p.28)

Kant, que nunca negou a influência de Rousseau em seus escritos, entendia e estimava o filósofo genebrino a partir daquilo que os contemporâneos deste não foram capazes de perceber. Kant deixa de lado, justamente, o Rousseau “místico” e irracional, para então descobrir o verdadeiro filósofo. É a severa atitude de Rousseau diante da aceitação incondicional dos valores do saber teórico em sua época que acaba com a ingênua confiança em que a cultura e o progresso técnico-científico da humanidade seriam suficientes para tornar os homens melhores e livres. É isso que, segundo Cassirer, chama a atenção de Kant, pois sua obra mais conhecida, a *Crítica da razão pura*, tinha como um dos objetivos restringir ou relativizar a importância

assumida pela ciência na compreensão do mundo e do homem. A diferença do alemão para o suíço é que apenas este, devido talvez mais ao modo de apresentação de seu pensamento do que suas críticas à ciência, ficou com a imagem de quem sofre de misologia.

Eis que surge uma curiosa questão, pois como podemos acusar Rousseau de irracionalista, ou até mesmo de assistemático se suas obras foram capazes de influenciar um dos principais personagens da história da filosofia moderna? Por sinal, o que é considerado o mais rigoroso de todos. De certo, Kant não estava tão focado na querela sobre a sistematicidade em Rousseau. Sabemos das suas anotações sobre o estilo sedutor de Rousseau, que pode levar o leitor a se confundir. Mas é Kant mesmo quem diz que, se deixarmos de lado a beleza das expressões utilizadas pelo genebrino, podemos julgar sua obra por meio de nossa razão. Talvez por isso Kant tenha sido capaz de extrair da obra deste o que passou despercebido por boa parte dos filósofos modernos: a coerência. Considerado por muitos de seus contemporâneos como um pensador contraditório, ao se defender em suas *Confissões*, Rousseau enfatiza que suas obras devem ser interpretadas como um todo, pois seus escritos nos revelam uma filosofia consistente e coerente. Essa percepção de Rousseau sobre sua obra está expressa na seguinte afirmação: "Tudo o que é ousado no *Contrato social* havia aparecido previamente no *Discurso sobre a origem da desigualdade*; tudo que é ousado no *Emílio* havia aparecido previamente em *Júlia*" (ROUSSEAU, 1948, p.27).

Apesar de todas as controvérsias que sempre possam ocorrer em torno do assunto, cremos poder reconhecer no movimento romântico uma unidade tal que nos permite aproximar as obras de seus principais representantes das mesmas exigências que são impostas à filosofia, como acontece no caso de Rousseau. Cabe observar que dentre as mais variadas manifestações do Romantismo alemão é importante mostrar que a base do movimento é reconhecidamente filosófica. Rousseau é inegavelmente o filósofo que precede, no espírito, toda a formação filosófica deste movimento, cujas bases mais próximas estão localizadas na *Crítica da faculdade do juízo*, de Kant. E, se não se quiser admitir a influência direta de Kant, não se pode evitar a de Fichte, lido e comentado atentamente por Novalis. Bornheim nos lembra do fato de que todo o grupo romântico que compõe a chamada primeira etapa do movimento – cujos

principais representantes são Schlegel, Novalis, Tieck e o próprio filósofo Schelling – pode ser melhor compreendido a partir da *Doutrina da ciência*, de Fichte. Schlegel em uma das cartas endereçadas ao seu irmão Wilhelm chegou a afirmar o seguinte: “Fichte é o maior metafísico contemporâneo”, deixando para trás filósofos do porte de Immanuel Kant e Baruch Spinoza.

Torres Filho é quem melhor nos esclarece sobre os fundamentos filosóficos do Romantismo, principalmente, no que se refere à ligação entre a filosofia, a literatura e a poesia. Nele notamos a preocupação em mostrar como Novalis, assim como Schlegel, se interessava e estudava a filosofia de Fichte. Torres Filho afirma que o Romantismo é, por isso, um movimento muito próximo ao idealismo alemão, tanto por causa de Fichte quanto de Schelling, este sim talvez mais próximo ainda da visão romântica e de Rousseau devido a sua peculiar teoria da natureza. Uma teoria que aproveita os resultados da *Crítica da razão pura*, mas sem reduzir tudo ao “Eu”, como fez Fichte. Torres Filho considera Schelling “o” filósofo do Romantismo. Diz ele:

A Alemanha, desde o final do século XVIII, foi um dos focos de irradiação da arte e do pensamento romântico. E foi nela que nasceu aquele que é geralmente apontado como a mais pura expressão da filosofia do Romantismo: Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (TORRES FILHO, 1984, p.VIII).

Para reforçar essa ideia, vamos citar uma passagem de *Hermenêutica e poesia*, de Benedito Nunes, em que ele fala sobre “o nexos do romantismo com as nascentes do idealismo germânico”. Diz Nunes:

É então que, rompendo com a ascendência hierárquica da filosofia, dentro da tradição clássica, os românticos pretendem unir, por intermédio da intuição intelectual e da imaginação, destacadas pelo idealismo de Fichte, filosofia e poesia num gênero misto de criação verbal. É impressionante a correspondência, nesse momento, do idealismo com o romantismo. Schlegel e Novalis direcionam a poesia filosoficamente; Schelling, no *Sistema do idealismo transcendental*, direciona a filosofia poética e artisticamente (NUNES, 2005, p.17)

Como vimos acima, Nunes aponta Rousseau como aquele que estabelece o limite entre a filosofia clássica e uma nova compreensão da verdade por sua expressão

na subjetividade e na valorização do sentimento frente ao conceito objetivo. Pois era exatamente a esse ponto que gostaríamos de chegar, descrevendo em linhas gerais o movimento que vai das críticas de Rousseau à mentalidade científica que domina a filosofia no século XVIII à reação romântica ao intelectualismo filosófico na virada do mesmo século. São duas maneiras de pensar reconhecidas por sua recusa em assimilar a superioridade da cultura teórico-científica na formação do homem. E é com essa recusa combativa que Rousseau e os românticos dão unidade às suas reflexões e tornam apenas aparente a assistemática expositiva observada por aqueles que não sabem ler nem mesmo a letra de suas obras.

Referências bibliográficas

- BORNHEIM, G. "A filosofia do romantismo" In Guinsburg *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- GAY, P. "Introdução" In CASSIRER, E. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- GRIMSLEY, R. *La filosofía de Rousseau*. Madrid: Alianza Editorial, 1977.
- NUNES, B. "A visão romântica" In Guinsburg. *O Romantismo*. São Paulo: perspectiva, 2005.
- _____. *Hermenêutica e poesia: o pensamento poético*. Belo horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- ROUSSEAU, J-J. *Cartas escritas da montanha*. São Paulo: EDUC; UNESP, 2006.
- _____. *Confissões de Jean Jacques Rousseau*. São Paulo: Jose Olympio, 1948.
- SUZUKI, M. "A gênese do fragmento" in Schlegel *Dialeto dos fragmentos*. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- TORRES FILHO, R. R. "Novalis: o romantismo estudioso", in NOVALIS. *Pólen*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- _____. "Schelling, vida e obra", In SCHELLING, F. *Obras escolhidas*. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. VIII.

ⁱ **Suzane da Silva ARAÚJO. Mestranda em História da Filosofia Moderna**
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Programa de pós-graduação em Filosofia
suzanea@gmail.com